

Conclusão

Os caminhos e descaminhos da atividade jornalística de Thomaz Mazzoni o tornaram reconhecido por seus contemporâneos como um dos profissionais de maior popularidade no Brasil ¹ e internacionalmente entre jornalistas, treinadores e/ou ex jogadores. ² Porém, era mesmo na cidade em que cresceu e viveu até os últimos dias de sua vida que suas ideias influenciariam um maior número de pessoas, transformando seus textos em verdadeiras bases para reflexão de outros indivíduos, como ocorreria neste exemplo de 1937 onde um leitor enviou esta mensagem *A Gazeta*:

“No comentário de Olympicus sobre os jogadores emprestados, houve uma grande verdade: a várzea, ontem como hoje, não admite que seus clubes, enxerem seus quadros, quando devem medir forças com algum “taludo”. Olympicus diz que: “no tempo heróico da várzea não se admitia que um jogador proposto e aceito na quinta feira jogasse no domingo”. ³

Seja por seus comentários sobre casos pontuais, como o empréstimo de jogadores entre clubes, ou em questões que envolviam a parte disciplinar do esporte, Thomaz Mazzoni era reconhecido como um dos mais importantes formadores de opinião do meio esportivo. ⁴ Esse papel de destaque foi conseguido através de uma estratégia jornalística que fez de Mazzoni um parceiro constante de seu público leitor. Se o jornalista tentava construir uma espécie de opinião sobre o esporte a partir de seus escritos, formando seu público, também dialogava diretamente com os interesses deste – fosse tematizando as questões e eventos que o interessavam ou buscando formas de divulgar suas mensagens que fossem de

¹ Leitores do Paraná, Pernambuco mandavam cartas ao autor parabenizando Mazzoni por suas crônicas na Copa do Mundo de 1938 Cf. MAZZONI, Thomaz. *O Brasil na Taça do Mundo*. São Paulo, Edições e Publicações Brasil, 1938. P. 10 – 12. Quando o jornalista chegava ao Rio de Janeiro para a viagem até a França com a seleção em 1938 o próprio *Jornal dos Sports* fez referência a sua presença tecendo elogios ao mesmo. *Jornal dos Sports*. 30 de Abril de 1938.

² O principal jornal esportivo de Portugal *Os Sports* assim escreveu sobre Mazzoni: “O ilustre jornalista brasileiro ‘Olympicus’, referindo-se ao fato, comenta, com verdade, o seguinte.” Nesta matéria o periódico português transcreveu uma de suas matérias em prol da oficialização esportiva no Brasil, o que segundo o colunista de Portugal também serviria a aquele país. MAZZONI, Thomaz. *O esporte a serviço da pátria*. São Paulo, S/e. 1941. P. 73. Também o então técnico do Boca Jr, Mário Furtado fez uma dedicatória em sua obra *Como deve jogarse el football* endereçada ao jornalista com os dizeres “para o excelentíssimo jornalista brasileiro” (o exemplar deste livro se encontra na Biblioteca da Federação Paulista de Futebol).

³ “O que os leitores escrevem” In *A Gazeta*. 14 de Abril de 1937. Apud. ZANONI, Elton Frias. *Grupos sociais, jogadores e clubes de futebol na cidade de São Paulo*. Trabalho de Iniciação Científica desenvolvido pelo Departamento de História da Unicamp em 2006.

⁴ “O que os leitores nos escrevem” In *A Gazeta*. 02 de Agosto de 1933.

interesse dos possíveis leitores. O jornalista acabou assim constituindo um canal privilegiado de comunicação com esse público em meados da década de 1930, o que fez dele um dos homens mais influentes do campo esportivo paulista.

Como resultado, várias autoridades políticas e esportivas mostravam-se atentas a seus escritos. O próprio Gustavo Capanema, em *O esporte a serviço da pátria*, chegou a chamar de “interessante” o romance escrito um ano antes pelo autor, além de agradecer a sua oferta⁵. Do mesmo modo, Luiz Aranha, Presidente da Confederação Brasileira de Desportos, deixou clara a importância de Mazzoni para a seleção brasileira em meados do final de década de 1930, em outro depoimento destacado pelo autor em um de seus livros:

“Mando-lhe meus agradecimentos pela eficiente colaboração que vem dando a organização do nosso selecionado. Tenho lido seus artigos sobre a melhor forma de selecionar os elementos da nossa equipe, e aplaudi muitíssimo o seu bom senso, visão, imparcialidade e conhecimento das nossas necessidades.”⁶

Assim, o próprio presidente da CBD, além de referendar a obra do autor, fazia elogios e principalmente informava o grau de influência que este tinha não apenas no público, mas também entre dirigentes brasileiros. A aproximação com esse interesse do público se fazia, porém, para Mazzoni, com limites claros que visavam garantir a elevação de seu papel de jornalista. Elogiado pelo suposto “bom senso” e “imparcialidade”, Mazzoni se diferenciava de antigos jornalistas que tinham na parcialidade e defesa de seu clube o norte de sua atuação nos jornais.⁷

De fato, a questão da imparcialidade e seriedade foram centrais na forma de atuação e política do caderno esportivo que comandava. Por isso, as pesadas críticas a folhas como o *Jornal dos Sports*, acusadas pelo jornalista de atuar de maneira supostamente irresponsável perante os fatos, cedendo à paixão do torcedor para aumentar suas vendas. Na concepção de Thomaz Mazzoni, por mais que fosse necessário ouvir o público, o jornalismo esportivo, assim como o esporte, deveria ter uma função social e educativa, daí a produção de suas crônicas doutrinárias e analíticas sobre o papel dos dirigentes esportivos e do poder

⁵ Cf. MAZZONI, Thomaz. *O esporte a serviço da pátria*. Op. Cit. P. 135.

⁶ MAZZONI, Thomaz. *O Brasil na Taça do Mundo*. Op. Cit. P. 12.

⁷ Cf. NEIVA, Adriano. “Escrevendo uma história”. IN *60 anos de futebol no Brasil*. São Paulo, FPF, 1954. P. 66.

público, que seriam os responsáveis, juntamente com os jornalistas, por educar a grande massa torcedora e os atletas.

Como jornalista esportivo, tratou assim de forjar ideias e conceitos que o aproximavam das formulações de grandes intelectuais do campo da prática física e do desporto, como os editores das *Revista Brasileira de Educação Física* e da *Educação Física*. Em uma dos números da primeira, o editor chegou a tratar abertamente do lançamento do *Almanaque Esportivo de 1944*:

“Sob o pseudônimo de Olympicus, o Sr. Thomaz Mazzoni vem, desde 1931 enriquecendo a nossa bibliografia desportiva com obras de igual mérito. Colecionador dos mínimos fatos e investigador de todos os assuntos desportivos, fez o Sr. Thomaz Mazzoni com que seus trabalhos se tornassem indispensáveis à biblioteca das instituições desportivas e daqueles que se dedicam a matéria.”⁸

A citação evidencia como foram representadas tanto as obras de Mazzoni quanto a imagem que este teria diante de técnicos e profissionais da Educação Física na década de 40. Esta boa imagem que o jornalista tinha em tais círculos, pouco comum para simples jornalistas como ele, lhe valia o respeito de intelectuais como Inezil Penna Marinho, um dos maiores estudiosos da história da Educação Física e do esporte no Brasil. Além de recomendar o livro *Ciclismo para todos* de Thomaz Mazzoni em sua obra *Sistemas e Métodos de educação Física*, em duas oportunidades deixou dedicatórias endereçadas ao cronista e “querido amigo Thomaz Mazzoni”.⁹ Reconhecido pelos intelectuais que tomavam para si no período a tarefa de pensar os rumos da nação, Mazzoni mostrava o sucesso de sua estratégia de fazer da crônica esportiva um espaço não só de diálogo, mas também de formação de seu público. De fato, foi a soma dos dois fatores que garantia a ele um lugar especial nesse debate. Em função de sua posição profissional e do grande alcance d’A *Gazeta* conseguia chegar e influenciar um número maior de pessoas do que aquelas habitualmente interessadas pelos debates intelectuais. Ao precisar ficar atento aos desejos e experiências das ruas, no entanto, dava forma a uma leitura própria das questões e problemas próprios a esses debates intelectuais, acabando por aproximá-los dos temas que marcavam efetivamente a experiência de seu público – como a torcida

⁸ “Livros e Revistas” IN *Revista Brasileira de Educação Física*. Ano I, Nº 6. Rio de Janeiro: Ed. A Noite, Junho de 1944. P. 47.

⁹ MARINHO, Inezil Penna. *Contribuição para a história da educação física no Brasil*. Arquivos da ENEFD, Rio de Janeiro, ano 9, 1943, n.10.

pelo selecionado nacional, a paixão pelos clubes ou os problemas enfrentados pelos seus ídolos.

Apesar do destaque e reconhecimento a partir das décadas de 1930 e 1940 até o momento de seu falecimento em 1970, Thomaz Mazzoni, mesmo com a alcunha de “pai do jornalismo paulista” atribuída por alguns a sua figura ¹⁰, permanece renegado a segundo plano tanto em análises acadêmicas como jornalísticas. Esta afirmação se torna ainda mais gritante se compararmos a sua figura com a de outro jornalista de destaque na primeira metade do século XX: Mário Filho. O proprietário do *Jornal dos Sports* e redator chefe d’ *O Globo* mereceu análises em diversos trabalhos acadêmicos, em especial o seu livro *O negro no futebol brasileiro* ¹¹. Não seria errado afirmarmos que a memória do futebol brasileiro está extremamente atrelada à identidade deste último, seja pelo suposto “estilo brasileiro de jogar futebol” rememorado diariamente, ¹² principalmente em períodos de Copa do Mundo, seja pela importância dentro do jornalismo. ¹³ É possível levantar hipóteses sobre esta constatação, tentando de algum modo descortinar os fios que constroem esta história.

Mário Filho, apesar de pernambucano de nascimento, fixou residência e viveu toda a sua vida na cidade do Rio de Janeiro, então capital da República, vórtice político e institucional do país. Além da questão política que caracterizada a cidade, o Rio de Janeiro também era o centro cultural do Brasil produzindo uma identidade local que por meio de diferentes mecanismos culturais tentava-se construir como identidade para todo o país - caso emblemático a produção do samba como um ritmo marcadamente carioca e elevado a símbolo nacional. ¹⁴ Tal fato, produzido após a Revolução de 1930 e a articulação de uma “indústria cultural”, que também se expressava por meio da criação de espetáculos

¹⁰ O título foi expresso no programa da TV Cultura na ocasião em homenagem aos 100 anos de nascimento do jornalista.

¹¹ FILHO, Mário. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro, Ed. Mauad, 1947. Entre diversos trabalhos destaco os já citados nesta dissertação *Mil e uma noites de futebol: O Brasil moderno de Mário Filho* de Marcelino da Silva; “A vitória do futebol que incorporou a pelada” de José Sérgio Leite Lopes; assim como a tese defendida no Programa de Pós Graduação da Universidade Gama Filho por Antônio Jorge Soares *Futebol raça e nacionalidade no Brasil: releitura da história oficial*, entre outros.

¹² Ver SOARES, Antônio Jorge. Op. Cit.

¹³ HOLLANDA, Bernardo Buarque de. *O descobrimento do futebol: modernismo, regionalismo e paixão esportiva*. Rio de Janeiro, Ed. Biblioteca Nacional. 2004, P. 144 – 145.

¹⁴ Ver VIANNA, Hermano. *O mistério do samba*. Rio de Janeiro, Ed. Jorge Zahar: 1995.

esportivos.¹⁵ Dessa forma, a própria centralidade observada para a cidade, também se construía no âmbito da produção do jornalismo esportivo, onde Mário Filho com grande senso de oportunidade e empresarial soube se posicionar de forma destacada. Isso porque, sendo o proprietário de sua folha e mentor jornalístico do *Jornal dos Sports* e de *O Globo*, periódico que na década de 1940 começava a atingir grandes tiragens e papel de destaque na imprensa carioca,¹⁶ o jornalista tinha possibilidades materiais de divulgação significativas.

Por outro lado, o empresário também soube usar dentro do próprio periódico as possibilidades que esta localização lhe permitiu. No capítulo “Cor-de-rosa: ascensão, hegemonia e queda do *Jornal dos Sports* entre 1930 e 1980” de Bernardo Buarque de Hollanda, podemos observar o staff criteriosamente escolhido para a redação do jornal de página rosada. Entre as figuras de destaque que escreviam periodicamente ou esporadicamente na folha podemos citar João Lyra Filho, Vargas Neto – sobrinho de Getúlio Vargas - José Lins do Rego – literato de sucesso e autor entre outros livros de *Menino de engenho*, além de dirigente esportivo na década de 1940 - entre outros redatores que estavam diretamente envolvidos nas direções de federações, entidades esportivas e clubes. Como bem afirmou o autor do artigo, Mário Filho “mesmo sem a ocupação de cargos ou postos diretos no CND ou na CBD, era capaz de se imiscuir nas entidades de mando dos desportos e trazer para o seu jornal muito de seus mais notáveis representantes”.¹⁷ Também com suas iniciativas em prol do esporte amador e da juventude, como os *Jogos Infantis* de 1947 e os *Jogos da Primavera* de 1951, aproximaram o pernambucano ainda mais do poder público. No início da década de 1950 não era pouco comum vermos o jornalista com políticos importantes, entre eles o próprio Getúlio Vargas.¹⁸

Além da proximidade com o poder público, a própria forma de conceber o jornalismo esportivo, por vezes criticada por Thomaz Mazzoni, contribuía para a popularização e perpetuação de uma forma mais descontraída de produção jornalística. Ao dar espaço para entrevistas com análises dos perfis sociológicos e das próprias histórias dos jogadores, conseguia produzir uma forma de jornalismo

¹⁵ HOLLANDA, Bernardo Buarque de. “Cor-de-rosa: ascensão, hegemonia e queda do *Jornal dos Sports* entre 1930 e 1980.” In *O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil*. Rio de Janeiro. Ed. Faperj e 7 letras: 2012. P. 82.

¹⁶ Ver BIAL, Pedro. *Roberto Marinho*. Rio de Janeiro, Ed. Jorge Zahar: 2004.

¹⁷ *Ibidem*. P. 96 – 97.

¹⁸ *Jornal dos Sports*. 16 de Setembro de 1952.

menos pedagógica e mais lúdica, além de atrair o grande público a partir de narrativas biográficas muito semelhantes parte dos leitores da folha. Até por esse objetivo jornalístico, a escrita de Mário Filho seria mais romanceada, cheia de metáforas e figuras de linguagem que transformavam pequenos detalhes em grandes acontecimentos, além de grande qualidade literária. Em contrapartida, os textos de Thomaz Mazzoni eram mais doutrinários, diretos e constantemente contavam com um tom pedagógico e analítico. Todavia, como podemos observar no trabalho de Denaldo de Souza, também nos textos de Mário Filho encontramos conceitos como disciplina, pedagogia social entre outros. Entretanto, a forma como introduziu tais conteúdos construiu uma memória sobre seus escritos muito mais atrelada a questão da brasilidade e a um suposto estilo brasileiro de jogar futebol.¹⁹

Sem pretender enaltecer uma memória em detrimento da outra, cabe assim fazer da trajetória de Mazzoni um meio de ressaltar que havia outras identidades sendo então constituídas em torno do futebol no período estudado. Deste modo, todos os envolvidos com o esporte naquele momento participaram igualmente de um processo de atribuição de sentidos ao jogo que se fez na indeterminação sobre o seu futuro. Se várias das propostas de Mazzoni para o futuro do esporte brasileiro se mostrariam nos anos seguintes menos efetivas do que aquelas de Mário Filho, o fato é que, na década de 30, elas faziam muito sentido para vários jogadores, torcedores, dirigentes e até mesmo do próprio jornalista pernambucano que na década de 1940 contratou o cronista para escrever crônicas sobre o futebol paulista e da seleção brasileira para o *Jornal dos Sports*.²⁰ Por fim, vale lembrar que Mário Filho virou o nome do “maior estádio do mundo” o Maracanã, já Thomaz Mazzoni apesar de ter sido enterrado com honrarias dignas de autoridades políticas até pouco tempo dava nome a um pequeno centro esportivo²¹ em São Paulo. Todavia, através de um decreto de 2011, o então prefeito Gilberto Kassab alterou o nome do centro para Centro Esportivo Vila Mariana, retirando a homenagem ao jornalista.

Os jogadores brasileiros nunca são selecionados, e sim “convocados” – lembrando o vocabulário militar – para servir à nação. Os técnicos da seleção,

¹⁹ SOUZA, Denaldo de. “Mário Filho e *O negro no foot-ball brasileiro*. Op. Cit. P. 171 – 180.

²⁰ Pequena biografia de Thomaz Mazzoni escrita pelo seu irmão logo após a sua morte.

²¹ Centro Esportivo Thomaz Mazzoni.

mais do que técnicos, são “comandantes” no que se refere ao caráter pedagógico e de liderança atribuído a estas figuras. Enquanto os italianos torcem pela *Azzurra*, os franceses pelos *Blues*, os ingleses pelo *English Team*, e os alemães pelo *Nationalmannschaft*, os brasileiros torcem pelo Brasil. Ou seja, a diferença entre a seleção de futebol e o país é incrivelmente tênue no caso brasileiro, e o uso de palavras aparentadas com a linguagem militar não é por acaso.